

IMAGENS LITERÁRIAS DO CAMPO E DA CIDADE EM CESÁRIO VERDE

Valci Vieira dos Santos

FASB/UNEB

Resumo: O presente estudo analisa a presença do campo e da cidade, na obra de Cesário Verde, cujas imagens serviram de mote para a construção de seu texto poético, o qual se constitui em autênticos quadros impressionistas e permite-lhe seja atribuído, com justiça, o título de poeta-pintor do campo e da cidade. Os tecidos poéticos cesários se constituem em um espaço onde o trabalho e os trabalhadores atuam de modo participativo, como lugar pragmático.

Palavras-chave: Cesário Verde, campo e cidade, texto poético

A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões.

Raymond Williams

O campo e a cidade se constituem em dois importantes espaços para o desenvolvimento da literatura. Têm fornecido magníficos quadros cujos cenários proporcionam a poetas e escritores visões inspiradoras para a construção de obras literárias que vêm nesse binômio uma importante fonte, propiciadora de temáticas plurais.

A forte ligação que o homem, no decorrer de sua história, manteve com a terra, talvez possa explicar o seu constante retorno à sua gênese, seja pela imaginação, seja pelas fantasias idealizadas ou até mesmo pela referência ao contato físico com as raízes. Por outro lado, a cidade, surgida da necessidade gregária do homem, foi um resultado de sua criação. O homem, na busca da valorização do trabalho, lança sobre a cidade seu desejo de crescimento e satisfação pessoal.

Para Raymond Williams, autor da obra intitulada “O campo e a cidade: na história e na literatura, “ ‘campo’ e ‘cidade’ são palavras muito poderosas, e

isso não é de se estranhar, se aquilatarmos o quanto elas representam na vivência das comunidades humanas.” (WILLIAMS, 1990. p. 11).

Tradicionalmente, imagens delineadas sobre o campo e a cidade foram se cristalizando e, de certa forma, se generalizaram. A literatura nos apresenta uma galeria interminável de associações feitas a um e a outro espaço e aponta, fatalmente, para a dicotomia que esboçou, ao longo dos tempos, o contraste entre campo e cidade.

Inúmeras são as telas reveladoras de imagens, mensagens e signos sociais, cada uma jogando com as concepções extraídas a partir diálogo que o homem estabelece com esse conjunto de realidades de um sistema social, político, cultural e econômico global: a cidade.

Mas não só a cidade se transformou num conjunto de metáforas a serviço da criação e imaginação dos escritores. O campo, por sua vez, apesar da aparente supremacia da cidade, face à civilização industrial, também representa uma pluralidade de metáforas, agora já não mais associadas, como antigamente, à imagem idílica de outrora, isto é, ao ideal de inocência bucólica.

Assim, ao longo dos anos, tanto a cidade como o campo tem nutrido a Literatura e as Artes, com especial destaque para o século XIX. O homem deste momento histórico é um artista mergulhado no seu cotidiano, na observação dos quadros múltiplos que a realidade campestre e citadina transforma, como um caleidoscópio em cujas imagens ela se reflete. Se ele se acha embevecido diante das idéias transformadas modernas surgidas na cidade, por outro lado tem o cuidado de não perder de vista a vida rural, muitas vezes manifestada em suas memórias e observações.

Com base nesse jogo de imagens, matizadas a partir das realidades rural e urbana, o escritor oitocentista agrega às suas histórias e imagens uma sucessão de cenários típicos do espaço ruralista. O que se percebe é que, através da literatura, tanto as imagens campestres como as citadinas passam a ser valorizadas pelo literato, sem que uma esteja em situação de vantagem sobre a outra, já que seus quadros são pintados com motivos e tipos de ambos.

Não foram poucos os escritores portugueses que sentiram esse desejo de percorrer o campo e a cidade, à procura de dados e informações para seus escritos, ou porque se sentiam atraídos pelo magnetismo presente em um e em outro.

José Joaquim *Cesário Verde*, poeta português da segunda metade do século XIX, soube como ninguém fazer uso da caneta-pincel para compor seus textos e “quadros”. Lisboa, cidade onde nasceu, e Linda-a-Pastora, quinta localizada nos arredores da capital portuguesa serviram de mote e se transformaram na arquitetura poética cesária. Esses espaços assumem, na trajetória do poeta, abstrações metafóricas múltiplas. Inicialmente, o campo representa aquele lugar aprazível, onde o poeta e sua família se refugiam, fugindo da febre e do cólera que assolavam a cidade de Lisboa. Para tanto, o

campo representa uma espécie de tábua de salvação diante das ameaças de morte que rondavam os habitantes lisboetas. Os versos da primeira quadra do poema “Nós” são uma demonstração dessa realidade que Cesário enfrenta, juntamente com os seus familiares:

Foi quando em dois Verões, seguidamente ,a Febre
E o Cólera também andaram na cidade,
Que esta população, com um terror de lebre,
Fugiu da capital como da tempestade. (p. 163)*

Na segunda quadra do aludido poema, justamente pelo fato de o campo simbolizar a cura para os males físicos, é que o poeta, ao traduzir os sentimentos do patriarca, procura deixar claro o carinho deste para com o campo, numa atitude de reconhecimento face ao seu provável poder curativo. Nasce, pois, a partir do contato de sua família com o campo, o amor que nutre seus desejos de cura, uma vez que o estar em liberdade, em meio aos “montões de malvas”, só revela a identificação com a natureza, e é por isso que o Poeta a ama:

Ora, meu pai, depois das nossas vidas salvas,
(Até então nós só tivéramos sarampo),
Tanto nos viu crescer entre uns montões de malvas
Que ele ganhou por isso um grande amor ao campo! (p. 163)

Noutra estrofe, ainda do mesmo poema, é possível destacar outra impressão que o poeta tem do campo. Este representa um lugar onde o poeta passa sua infância, onde seus sonhos de criança ganham espaço em sua imaginação, onde as lembranças do passado remoto trazem à tona cenas de seu cotidiano campestre, como, por exemplo, o sentimento de liberdade que sente quando se acha perdido em meio ao espaço citadino e por isso se declara provinciano:

E o campo, deste então, segundo o que me lembro,
É todo o meu amor de todos estes anos!
Nós vamos para lá; somos provincianos,
Desde o calor de Maio aos frios de Novembro! (p. 165)

No poema “Em Petiz”, composto em Linda-a-Pastora, no ano de 1878

Todas as citações com apenas nº de página se referem à edição de 1999 da obra completa de Cesário Verde, estudada e organizada por Joel Serrão, da Editora Livros Horizonte - LDA.

e publicado a 29 de setembro de 1879, no *Diário de Notícias*, jornal lisboeta, o poeta reforça a idéia que tem do campo, como se ele fosse um remédio que possui a fórmula exata. A descrição que faz do cotidiano e da fazenda nos remete a quadros vivos. A impressão que temos é de que é possível nos transportarmos à realidade descrita pelo poeta, já que a mesma acha-se claramente delineada, com base no realismo de cenas que se sucedem dialeticamente. As duas quadras seguintes do poema aludido falam por si só. Vejamos:

Em meio de arvoredos, azenhas e ruínas,
Pulavam para a fonte as bezerrinhas brancas,
E, tetas a abanar, as mães, de largas ancas,
Desciam mais atrás, malhadas e turinas.

Do seio do lugar – casitas com postigos –
Vem-nos o leite. Mas baptizam-no primeiro.
Leva-o, de madrugada, em bilhas, o leiteiro,
Cujo pregão vos tira ao vosso sono, amigos! (p. 131)

Mas a vivência de Cesário Verde na quinta de Linda-a-Pastora não chamou a sua atenção apenas sob o aspecto sentimental, mas também sob o cariz funcional com que seus pais viam a terra. Assim, o sistemático aproveitamento que a família fazia da quinta, com o cultivo de frutas e verduras, era uma demonstração clara de que Linda-a-Pastora não representava apenas um lugar aprazível, bucólico, onde todos se reuniam nos fins de semana ou nas férias escolares para conversar sobre amenidades ou em busca do ar puro do campo. Ao contrário, a quinta se constituiu em mais uma fonte de renda para a família, daí os versos contundentes do poeta a esse respeito, extraídos do poema “Nós”:

Contudo, nós não temos na fazenda
Nem uma planta só de mero ornato!
Cada pé mostra-se útil, é sensato,
Por mais finos aromas que rescenda! (p. 167)

Essa idéia é ainda mais clarificada noutra quadra do referido poema, quando o poeta dá uma definição precisa a respeito do que realmente o campo significa para ele. Ao defini-lo, afasta, de forma peremptória, a associação que comumente se faz do campo, como sendo o espaço por excelência de contemplação:

Hoje eu sei quanto custam a criar
As cepas, desde que eu as podó e empo
Ah! O campo não é um passatempo
Com bucolismos, rouxinóis, luar. (grifos nossos) (p. 178)

Dessa forma, o campo deixa de ser meramente a idílica metáfora oposta à ação destrutiva e confinadora da cidade, para tornar-se uma realidade concreta, atentamente observada pelo poeta, o qual passa a descrevê-la com minúcias, a partir de seu contato com os trabalhadores rurais e com a plena identificação com as atividades que exerce no âmbito da plantação exportação de frutas e verduras. Os versos seguintes, do já referido poema “Nós”, são um bom exemplo dos momentos de exultação do poeta, que se coloca em situação de igualdade com os demais trabalhadores que exercem atividades duras. A impressão que nos dá é que ele, ao participar desse tipo de trabalho, parece ter suas forças revigoradas:

Oh! Que brava alegria eu tenho quando
Sou tal qual como os mais! E, sem talento,
Faço um trabalho técnico, violento,
Cantando, praguejando, batalhando! (p. 176)

Por outro lado, essa manifestação de alegria do poeta, frente ao labor que se desenvolve no campo, é ainda mais corroborada no poema “Provincianas”, quando se depara com a fertilidade da terra, e por isso dispensa-lhe versos que são um primor de lirismo. A fertilidade da terra, de certa forma, propicia a fertilidade poética. As três primeiras quintilhas do aludido poema são suficientes para ilustrar nosso pensamento, até porque eles dizem o bastante por si mesmos:

Olá! Bons dias! Em março
Que mocetona e que jovem
A terra! Que amor esparso
Corre os trigos, que se movem
Às vagas dum verde garço!

Como amanhece! Que meigas
As horas antes de almoço!
Fartam-se as vacas nas veigas
E um pasto orvalhado e moço
Produz as novas manteigas.
Toda a paisagem se doura;
Tímida ainda, que fresca!

Bela mulher, sim senhora,
Nesta manhã pitoresca,
Primaveral, criadora! (p. 185)

Cumpre salientar, contudo, que a ambivalência anteriormente mencionada só contribuiu para remodelar os aspectos visual e sensitivo de diversos escritores sobre o trato com a temática campo/cidade, imprimindo-lhes uma nova perspectiva de análise, sem estar presos à velha dicotomia que quase sempre traduziu essa relação pela ótica da mera oposição. E Cesário Verde certamente foi um desses escritores que ensinaram a ver o que há de útil e belo no campo, sem, entretanto, se esquecer de que a cidade é um “mal necessário”.

Por outro lado, o campo nem sempre se apresentou ao poeta como sendo o lugar de constante bonança. Não foram poucas as vezes que ele se mostrou cansado da vida rural, em função do ambiente pacato e sem novidades. O excerto da missiva seguinte, datada de 14 de novembro de 1871, dirigida ao seu amigo João de Sousa Araújo, dá uma amostra de que o humor do poeta também oscilava em relação à ambiência proporcionada pelo campo:

Linda-a-Pastora, desde que o amigo partiu para Coimbra, muito me está aborrecendo, porque passo ali, uma vida muito estúpida, não havendo já aquelas celebérrimas cavalhadas, que tanto nos divertiam. (p.194)

A visão pragmática do espaço rural, que Cesário Verde nutre por algum tempo, se dissipa. A rotina das noites e dos invernos campestres leva-o ao desabafo. Por isso, pede ao amigo, Bettencourt Rodrigues, em carta datada de 16 de novembro de 1879, que se encontra em Paris, que colabore para tirá-lo daquele estado de inércia. A cidade, nesse instante, volta a se fazer presente em suas fantasias:

Ah! Meu amigo, se tu me tirasses desta apatia, deste enervamento, como seria bom! Seria impossível, completamente, numa formidável capital de trabalho, de inteligência, de febre, arranjar um cantinho para mim? Um ano, só um ano para me desemburrar! (p. 234)

No entanto, esse desejo temporário de querer estar no campo, e depois, na cidade, desenvolveu, no poeta, uma visão naturalista das coisas e fê-lo criar um novo ritmo a partir dessa raiz estruturante, ou seja, o eixo campo/cidade, flagrantemente observável em sua arte poética. As duas quadras que se seguem, também extraídas do poema “Nós”, exemplificam com clareza a visão do poeta acerca das “coisas” do campo em sua correlação com as necessidades do homem citadino:

Aspiro um cheiro a cozedura, e a lar
E a rama de pinheiro! Eu adivinho
O resinoso, o tão agreste pinho
Serrado nos pinhais da beira-mar.

Vinha cortada, aos feixes, a madeira,
Cheia de nós, de imperfeições, de rachas;
Depois armavam-se, num pronto, as caixas
Sob uma calma espessa e calaceira! (p. 174)

Enfim, com a vivência de Cesário Verde no campo, concretizada a partir de sua participação ativa no cotidiano produtivo da quinta de Linda-a-Pastora, tornou-se possível, ao poeta, nas palavras de Helder Macedo (1975, p. 56),

Reformular, ao nível ideológico, o básico contraste entre campo e cidade, alargando-o para abranger as realidades da experiência rural em contraste com a abstração metafórica do campo bucólico. Esta mudança de atitude é expressa por uma negação específica das associações românticas tradicionais com o campo e por uma afirmação particularizada do trabalho rural em todos os seus pormenores técnicos.

Assim como o campo, a cidade também ganha um lugar de destaque na produção poética de Cesário Verde, considerado pela crítica, e com razão, o grande poeta da cidade de Lisboa do último quartel do século XIX. Em função disso, Fernando Pessoa evoca-o por intermédio de seu heterônimo Alberto Caeiro, no festejado poema “O guardador de rebanhos” (1911-1912):

Ao entardecer, debruçado pela janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente,
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde

Que pena que tenho dele! Ele era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como olhava para as casas,
E o modo como reparava nas ruas,

E a maneira como dava pelas cousas,
É o de quem olha para árvores,
E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando
E anda a reparar nas flores que há pelos campos...

Por isso ele tinha aquela grande tristeza
 Que ele nunca disse bem que tinha,
 Mas andava na cidade como quem anda no campo
 E triste como esmagar flores em livros
 E pôr plantas em jarros...

Lisboa é, definitivamente, o alvo preferido do poeta-pintor e se apresenta, aos seus olhos, com imagens múltiplas, em face aos diversos quadros e instantâneos constituídos com base em sua vivência e em marchas deambulatórias. E essa vivência se completa a partir de sua visão dúplice da cidade: de um lado do Tejo, a Lisboa industrial, marítima, com suas ruas repletas de varinas, calafates, trabalhadores braçais e suas oficinas e casas de paredes cinzentas, coloridas pela fumaça das chaminés das indústrias; do outro, a Lisboa burguesa, mercantil, com suas montras e *magazins* ao estilo parisiense; a Lisboa de “Num Bairro Moderno”, com suas ruas macadamizadas e suas casas apalaçadas, envoltas de ornados jardins; a Lisboa que contrapõe à sua rival do Norte, o grande símbolo do progresso, mas que por vezes o faz lembrá-la. Os versos extraídos do poema “Cristalizações” ilustram essas imagens:

Eu julgo-me no Norte, ao frio – o grande agente!
 Carros de mão, que chamam carregados,
 Conduzem saibro, vagarosamente;
 Vê-se a cidade, mercantil, contente:
 Madeiras, águas, multidões, telhados! (p. 123)

É justamente essa duplicidade de visão da cidade lisboeta que torna possível identificar algumas das metáforas que lhe são atribuídas. Evidencia-se, inicialmente, aquela que é considerada de suma importância para a compreensão da obra de Cesário Verde, até porque ele quase sempre sinaliza esse percurso que o poeta faz da cidade para o campo e vice-versa, fruto muitas vezes dos acontecimentos que se sucedem em sua vida, qual seja a sensação claustrofóbica que os muros e as paredes de Lisboa parecem imprimir-lhe.

O texto poético de Cesário reforça esse seu sentimento de menosprezo. Lisboa inscreve-se, dessa forma, no núcleo das tensões do poeta. Ao mesmo tempo em que ela lhe serve de inspiração, tornando-o sujeito poético, aprisiona-o. O poeta sente-se perdido entre as condições favoráveis à criação poética, já que é o quadro real da cidade que lhe fornece motivos para escrever, bem como a indiferença dos lisboetas que insistem em ignorá-lo como escritor.

Nesse sentido, as deambulações de Cesário Verde quase sempre provocam nele um desejo de evasão, e a solidão acaba por levá-lo às caminhadas pelas ruas e becos da capital, quando não pelos seus arredores. À medida que o poeta percorre as ruas de Lisboa, sente-se ainda mais só, uma vez que as

próprias ruas estão impregnadas de tédio e melancolia. O poema “O Sentimento dum Ocidental” dedicado a Guerra Junqueiro, seu contemporâneo, em sua primeira seção intitulado Ave-Marias, sinaliza o estado de espírito de Cesário:

Nas nossas ruas, ao amanhecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer. (p. 141)

O poema “O Sentimento dum Ocidental” possui uma sucessão de cenários que ilustram o estado d’alma do poeta. A associação que é feita da cidade de Lisboa com uma prisão está presente em boa parte de seus versos. Inúmeras são as expressões que ilustram essa correlação: *Muram-me as construções rectas, iguais, crescidas; / Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso / Ver círios laterais, ver filas e capelas; Mas se vivemos, os emparedados, / Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...*

O certo é que a multiplicidade de imagens da cidade lisboeta, criadas por Cesário Verde, por vezes descrevem-na como sendo uma cidade triste, a exemplo de “*E nestes nebulosos corredores / Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas; / Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas, / Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores*”, versos extraídos da seção intitulada Horas Mortas, do aludido poema. Mas Cesário, timidamente, dispensa à cidade lisboeta algumas palavras que denotam carinho, ainda que irônicas, a exemplo das boas lembranças nostálgicas que pairam sobre si, quando de suas andanças pelas ‘ruazinhas’ da capital, na companhia da mulher amada. Os versos abaixo são do poema “Noitada”:

Lembras-te tu do sábado passado,
Do passeio que demos, devagar,
Entre um saudoso gás amarelado
E as carícias leitosas do luar?

Eu lembro bem as altas ruazinhas,
Que ambos nós percorremos de mãos dadas:
Às janelas palavram as vizinhas;
Tinham lívidas luzes as fachadas. (p. 126)

De fato, a cidade de Lisboa e o campo (mais precisamente a quinta de Linda-a-Pastora) representam a grande tela por onde circula o pincel de Cesário Verde. Múltiplas são as cores e imagens que ele utiliza para dar forma aos seus quadros. Com o movimento dinâmico de sua paleta, verdadeiras

pinturas impressionistas são delineadas. As palavras são sua matéria-prima. São elas as responsáveis pelos quadros pintados pelo poeta Cesário.

Cesário Verde viveu entre Lisboa, onde quase sempre se sentia “emparedado” e Linda-a-Pastora, onde, apesar do tédio, principalmente nos momentos mais difíceis de manifestação da tísica, que o acometeu, nutria grandes esperanças de sobrevivência.

As duas realidades – a da cidade e a do campo -, fizeram-no sentir-se angustiado e deslocado. Para tanto, não lhe restou outra alternativa, uma vez que uma completava a outra, senão andar pelos espaços citadino e campestre. Cada um deles, a seu modo, forneceu-lhe matéria-prima para a construção de seu universo poético, já que estar no campo implicava ter nostalgia da cidade; estar na cidade implicava sentir-se atraído pela vida simples e pragmática do campo.

No fundo, esse percurso deambulatório empreendido pelo Poeta só veio contribuir ainda mais para o enriquecimento de sua produção literária, haja vista a qualidade de seus poemas, escritos num curto espaço de tempo, encerrado por sua morte prematura.

Assim, diante dessas duas realidades tão visivelmente detectadas na poesia de Cesário, demonstrou-se que o campo não representa tão somente um lugar idílico, em oposição à tradicional imagem da cidade, associada ao lugar de perversão, fonte de todos os males e contrastes sociais. A análise dos tecidos poéticos cesáricos nos fez ver que o campo assume, por vezes, um espaço onde o trabalho e os trabalhadores atuam de modo participativo, produtivo, reforçando a concepção que o poeta tem sobre o campo, isto é, como sendo um lugar pragmático, não apenas “um passatempo com bucolismos, rouxinóis, luar”.

Depois de Cesário, a poesia portuguesa não foi mais a mesma. O desenvolvimento de temas líricos que nada tinham a ver com a realidade levou os escritores, ainda que tardiamente, a rever suas posições frente ao mundo objetivo. Seu rompimento com a tradicional dicotomia lírico-social definiu sua posição de destaque no universo da poesia portuguesa.

Artigo recebido e aprovado em novembro de 2006.

TOWN AND COUNTRY LITERARY IMAGES IN CESARIO VERDE

Abstract: The present study analyzes the presence of the town and the country field in the workmanship of Cesário Verde, whose images had served of mote for the construction of his poetical text, which is constituted of authentic impressionists pictures and it allows attribute to him, with justice, the title of town and country field poet-painter. The cesáricos poetical products are

constituted of a space where the work and the workers act in a participative way, as pragmatic place.

Keywords: *Cesário Verde, field and city, poetical text*

Referências

- LÔBO, Danilo. Cesário Verde: “desastre” e a descoberta do real. In: CORRÊA, Almir Aquino (Org.). *Temas e motivos na literatura portuguesa*. Londrina, PR.: Ed. UEL, 1997. p. 145-152.
- MACEDO, Helder. *Nós: uma leitura de Cesário Verde*. Lisboa: Plátano Editora, 1975.
- MENDES, Margarida Vieira. *Poesias de Cesário Verde: apresentação crítica, seleção, notas e sugestões para análise literária*. Lisboa: Comunicação, 1958.
- VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde*. Intr. Por Maria Ema Tarracha Ferreira. Lisboa: Verbo, [19—].
- VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde e poesias dispersas*. Portugal: Europa-América, 2000.
- VERDE, Cesário. *Obra completa de Cesário Verde*. Org. pref. e notas de Joel Serrão. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. [Acrescenta 4 poemas, somando quarenta poemas; desfaz a divisão de ‘Crise Romanesca’ e ‘Naturais’, preferindo ordenar os poemas pelo critério cronológico-temático].
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.